

125 Daniel no país dos leões

PAULO RABELLO DE CASTRO

Daniel: na última terça-feira, fui a Belo Horizonte visitar uma jóia das Alterosas, a empresa Mendes Júnior. Lá, pude sentir como os mineiros trabalham bem. Na volta ao Rio de Janeiro, com o "Diário do Comércio" de BH nas mãos, topei com seu artigo-redação, aí publicado: "Ser patriota no Brasil". Minha viagem a BH valeu. Por você e pela Mendes. Vi e li o que nosso País tem de melhor: suas empresas e seus jovens. Não precisamos de mais nada para dar a volta na crise.

Deixe-me, porém, beneficiar os amigos que partilham essas cartas com duas ou três fases suas. "Ser patriota, hoje, no Brasil, é, antes de tudo e apesar de tudo, acreditar. Ser patriota nesta nossa terra é cultivar e aplicar o que mais falta no País: a honestidade. Ser patriota é, por outro lado, cobrar por um mínimo de dignidade para qualquer criança, para que eles não precisem matar para sobreviver (...) cobrar uma educação à altura de nossa inteligência (...) E, sobretudo, ser patriota no Brasil

hoje é lutar de qualquer maneira possível, para que o "verde" do nosso País não se queime nem vire carvão... que o "azul" não se turve e desapareça... que o "amarelo" não embarque para outros mares e que o "branco" continue sendo, nas asas dos pássaros, nossa esperança de paz."

Bonito e certo. Vindo de um brasileiro de apenas 12 anos, da sétima série, é para vestirmos a camisa da esperança. O mais curioso é observar o desprendimento do jovem que pede em favor do Mundo, ao invés de pedir só para si. Um exemplo que nossos governos poderiam imitar. Olhar em volta antes de comandar e legislar. É surpreendente como as políticas financeira e tributária estão sufocando as empresas brasileiras. Juros e impostos, encargos "sociais", viraram o inferno na terra para os empresários nacionais. Porém, mais do que esses problemas, é a política educacional do nosso País a que mais se destaca na escala de degenerescência. Desse modo, empresas e jovens, os dois grandes trunfos que temos no jogo da competição mundial, estão sendo moidos na crise produzida pelo desequilíbrio orgânico do Governo. Isso tem que parar, antes que deságüe numa luta frátrica, expiando em sangue o fruto amargo da nossa marcha da insensatez.

O plano do Governo, seja qual for, plano K, J ou A, deve partir do seguinte: que deve fazer o Governo para faci-

litar a vida das empresas e valorizar a educação efetiva? Como posso eu, Governo, baixar impostos, desinventar encargos e contribuições "sociais" que nada têm de social, baixar juros e promover as exportações? Trata-se, na verdade, de uma revolução de princípios, seguindo o exemplo de Daniel. Pensar nos outros, antes de pensar em si. O Governo deve pensar no seu contribuinte, a empresa, o cidadão, antes de pensar só em fechar a caixa dos seus desperdícios às custas da escalada dos impostos, dos juros e das tarifas públicas.

Como fazer? Não é fácil, mas tem solução. Primeiro, num grande encontro de contas do País, pôr na mesa os números da economia que ninguém conhece, principalmente a dívida do Governo com os aposentados da Previdência, com as contas do FGTS e outras congêneres. Em seguida, dar ao poupador nacional uma garantia de moeda forte, bastando para isso que a caderneta de poupança passe a financiar as exportações, pois só o aumento do comércio exterior nos salvará a todos dessa crise de estagnação econômica com hiperinflação de preços. Terceiro, fazer as reformas tributária e financeira. A primeira não é pacote. Tem que ser um estudo sério, amplo e inteligente de todos os impostos e encargos. Baixando uns e eliminando outros. A reforma financeira virá não só com a âncora cambial da poupança,

mas também com um novo regime de moeda confiável, para não deixar o "amarelo" embarcar para outros mares, como alerta o nosso Daniel.

Mas o principal não é isso. É o choque de ética. Onde já se viu um país em cujo Congresso Nacional corre uma CPI apurando que o "valor da comercialização" de uma criança brasileira "exportada" para o exterior varia de US\$ 30 mil a US\$ 40 mil? Ao invés de exportarmos riquezas, exportamos nossa miséria. Somos ainda uma sociedade cega cabotina, mas a reação precisa começar. Se cada criança brasileira, em idade de escola fundamental, recebesse, diretamente, um salário-educação de US\$ 20 mensais, com menos de 2,5% do PIB brasileiro, que cabem perfeitamente no Orçamento da União, teríamos o melhor e o mais efetivo sistema de educação no Mundo, que mobilizaria a sociedade inteira na promoção das futuras gerações. Esses recursos financeiriam não apenas os garbosos Ciacs, mas também a modesta escolinha do interior de Minas. Tal solução está a nosso alcance. Basta querer.

Daniel: estude bastante. Continue escrevendo. Aprenda a cobrar dos políticos pelo exercício da sua cidadania. Mas tenha cuidado com os leões.

Daniel Silva Dámaso é um estudante da sétima série do Instituto Imaculada Conceição em Belo Horizonte. A Mendes Jr. todos conhecem.